

ID: 123579314

18-06-2026



Grupo 1143 é citado no documento.

CARLOS GARRINHO/GLOBAL IMAGES

Ódio online circula cada vez mais por códigos e insinuações

ESTUDO Hoje é lançado um manual digital para ajudar a compreender como se manifesta o discurso de ódio online e o impacto nas vítimas. O trabalho foi desenvolvido pelas investigadoras Rita Guerra e Raquel António, do ISCTE, e Paula Carvalho, da Universidade de Aveiro.

TEXTO **AMANDA LIMA**

“Estou farto destes googles inúteis »#voltemparaafrica”, o uso do sapo “Pepe” e outros códigos estão a ser amplamente utilizados em Portugal para “disfarçar” o discurso de ódio. Esta é uma das conclusões do estudo *Discurso de ódio: Manual de Apoio e Glossário*, lançado hoje, Dia Internacional de Combate ao Discurso de Ódio. O documento “esclarece conceitos-chave, explica como o discurso de ódio se manifesta no seio de ecossistemas mais amplos de ódio e reúne termos, expressões e referências simbólicas relevantes frequentemente associados ao discurso de ódio”, lê-se no manual, de 91 páginas.

Ironia, sarcasmo, perguntas retóricas, metáforas, hipérboles e desinformação são formas cada vez mais observadas desta dinâ-

mica no país. “A prevalência de expressões indiretas e subtis torna particularmente importante compreender como é que o discurso de ódio se manifesta além dos insultos ou ameaças explícitas”, destaca. Há, inclusive, uma tabela que dá a conhecer os indicadores linguísticos, simbólicos e contextuais em várias plataformas. É o caso do código “14-88”, associado à ideologia da supremacia branca. Segundo Rita Guerra, investigadora do CIS-Iscte e uma das autoras do estudo, o manual “sublinha a importância de compreender o discurso de ódio a partir de uma perspetiva interdisciplinar e contextualizada”.

Com um sólido enquadramento teórico, mas de fácil entendimento, o documento traz exemplos práticos e reais de discursos de ódio, sendo que al-

guns são bastante diretos. “Racismo o c@ralho! se não fossem esses parasitas da sociedade que não querem fazer nada, Portugal era um paraíso”, é uma das frases citadas, retiradas das redes sociais. São explicadas várias das estratégias utilizadas, como as chamadas “referências sócio-históricas”. É o caso de “invocar a nostalgia colonial, a retórica autoritária ou da era da ditadura, a negação ou distorção de acontecimentos históricos bem documentados”. É deixado o alerta de que “ao ancorar o preconceito em memórias aparentemente partilhadas ou na identidade nacional, tais narrativas podem fazer com que a exclusão pareça justificada, inevitável ou mesmo patriótica”. Outra tática citada é a teoria da conspiração, muitas vezes ancorada nesta narrativa de exaltação do passa-

do. É o caso do conceito de Remigração, bastante em alta no momento (uma cimeira europeia sobre o tema foi realizada há poucos dias em Portugal).

Esta teoria “alega falsamente que as populações brancas estão a ser deliberadamente substituídas por imigrantes não brancos, no contexto mais amplo de um esquema orquestrado pelas elites”. O objetivo é “aumentar a polarização social, explorando a retórica de invasão e a apresentação do ‘outro’ como uma ameaça simbólica ou realista”.

Ódio online, mas na vida real

Engana-se quem pensa que o ódio online fica restrito ao ambiente digital. Diversos teóricos citados no manual destacam que o ódio online pode transferir-se para a vida real. As vítimas sofrem de um sentimento de “insegurança” também offline. Nos próprios agressores há igualmente um efeito sentido.

“As pessoas que emitem mensagens de ódio também são afetadas, apresentando níveis significativamente mais elevados de raiva, ansiedade e emoções negativas”, o que pode, inclusivamente, afetar “todos os que estão envolvidos, direta ou indiretamente, nestes ambiente”.

Na sociedade como um todo, o ódio online também traz repercussões. “Em alguns contextos, pode levar a “aumentos em comportamentos de agressão no mundo real ou em crimes de ódio” e pode “influenciar atitudes e normas sociais que tornam a violência mais aceitável”. As consequências também são políticas. “A exposição ao discurso de ódio também está relacionada com mudanças nas convicções políticas e pode influenciar a disposição dos indivíduos para apoiar partidos políticos radicais ou extremistas e incentivar a adesão a ideologias extremistas”, citam.